



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.42.117.A006>

O papel das atitudes frente às mulheres na credibilidade das vítimas de violência sexual

The role of attitudes towards women in the credibility of victims of sexual violence

Suiane Magalhães Tavares
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa,
<https://orcid.org/0000-0001-9769-3090>
suianetavares1@gmail.com

Cícero Roberto Pereira
Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa,
<https://orcid.org/0000-0003-3406-3985>

Carlos Eduardo Pimentel
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa
<https://orcid.org/0000-0003-3894-5790>

Tamyres Tomaz Paiva
Faculdade Nova Esperança
<https://orcid.org/0000-0001-9415-0963>,

Débora Cristina Nascimento de Lima
Universidade Federal da Paraíba
<https://orcid.org/0000-0001-6917-1797>

Resumo

A percepção da credibilidade de uma vítima de violência sexual, ou seja, a percepção da vítima como pouco confiável, pode colocá-la em situações extremamente embaraçosas e revitimizá-la, afetando a sua saúde mental. Alguns fatores relacionados à percepção de falta de confiança nas vítimas são mencionados na literatura. Contudo, são poucos os estudos que analisam as motivações que levam as pessoas a não confiarem numa mulher que sofreu violência sexual. O principal objetivo deste estudo correlacional foi analisar o papel do gênero e das atitudes em relação às mulheres como preditores da percepção da credibilidade de uma vítima de violência sexual por meio de uma vinheta fictícia. Em particular, pretendeu-se investigar como estas variáveis interagem na previsão da percepção da credibilidade de uma vítima de violência sexual. Participaram um total de 199 pessoas, incluindo (97 = mulheres) vítimas de violência e (102 = homens) agressores. Os resultados mostraram que o gênero e o baixo adesão dos papéis de gênero igualitários e pró-feministas previram percepções de credibilidade e que foi observado um efeito de interação significativo entre as duas variáveis nas percepções de credibilidade de uma vítima de violência sexual. Por fim, os resultados apontam para a necessidade de avançar no estudo dos aspectos psicossociais que reforçam e perpetuam a desigualdade de gênero neste país.

Palavras-chave: percepção de credibilidade, violência sexual, papéis de gênero, violência entre parceiros íntimos, agressores, vítimas.

Abstract

The perception of the credibility of a victim of sexual violence, i.e. the perception of the victim as unreliable, can put them in extremely embarrassing situations and revictimize them, affecting their mental health. Some factors related to the perception of lack of trust in victims are mentioned in the literature. However, there are few studies that look at the motivations that lead people not to trust a woman who has suffered sexual violence. The main objective of this correlational study was to analyze the role of gender and attitudes toward women as predictors of perceptions of a sexual violence victim's credibility using a fictional vignette. In particular, the aim was to investigate how these variables interact in predicting the perception of the credibility of a victim of sexual violence. A total of 199 people participated, including (97 = women) victims of violence and (102 = men) assailants. Results showed that gender and low compliance with egalitarian and pro-feminist gender roles predicted perceptions of credibility and that a significant interaction effect was observed between the two variables on perceptions of a victim of sexual violence's credibility. Finally, the results point to the need to advance the study of the psychosocial aspects that reinforce and perpetuate gender inequality in this country.

Keywords: credibility perception, sexual violence, gender roles, intimate partner violence, aggressors, victims.

Resumen

La percepción de la credibilidad de una víctima de violencia sexual, es decir, la percepción de que la víctima no es confiable, puede ponerla en situaciones extremadamente embaraçosas y revictimizarla, afectando su salud mental. En la literatura se mencionan algunos factores relacionados con la percepción de falta de confianza en las víctimas. Sin embargo, existen pocos estudios que analicen las motivaciones que llevan a las personas a no confiar en una mujer que ha sufrido violencia sexual. El principal objetivo de este estudio correlacional fue analizar el papel del género y las actitudes hacia las mujeres como predictores de las percepciones de credibilidad de una víctima de violencia sexual utilizando una viñeta ficticia. En particular, el

objetivo fue investigar cómo interactúan estas variables en la predicción de la percepción de credibilidad de una víctima de violencia sexual. Participaron un total de 199 personas, entre ellas (97 = mujeres) víctimas de violencia y (102 = hombres) agresores. Los resultados mostraron que el género y el bajo cumplimiento de los roles de género igualitarios y profeministas predijeron las percepciones de credibilidad y que se observó un efecto de interacción significativo entre las dos variables sobre las percepciones de la credibilidad de una víctima de violencia sexual. Finalmente, los resultados apuntan a la necesidad de avanzar en el estudio de los aspectos psicosociales que refuerzan y perpetúan la desigualdad de género en este país.

Palabras clave: *percepción de credibilidad, violencia sexual, roles de género, violencia de pareja íntima, agresores, víctimas.*

Introdução

A violência sexual pode ser definida como uso de força que obriga um indivíduo a presenciar ou se envolver em um ato sexual contra a sua vontade, mas pode também abranger outros atos, desde violência verbal ao estupro (Ford et al., 2015, WHO, 2012). No Brasil, durante a pandemia da COVID-19, dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2022) mostram que em 2021 houve um aumento de 4,2% de estupros, com 79,6% desses casos sendo o autor conhecido da vítima. Já no ano de 2022 o país registrou o maior número de estupros da história, com mais de 74 mil casos, com aumento de mais de 8% se comparado a 2021. Ainda, mais de 88% das vítimas são do sexo feminino, negras e com os agressores conhecidos (FBSP, 2023).

Na maioria dos casos, a violência sexual é precedida de outros tipos de violência como a moral, a física e a psicológica. A violência moral pode deixar marcas profundas, mas nem sempre visíveis (Rollero et al., 2019, Silva & Silva, 2014). A violência moral (e.g., depreciação da imagem e a honra da vítima por meio de calúnia, difamação e injúria) trata-se de uma violência silenciosa, em que a mulher sequer percebe a periculosidade dos atos praticados pelo agressor e o quanto tais atitudes reverberam em sua forma de ver-se e de viver em sociedade (Cartilha de Violência Contra a Mulher, 2023; Azambuja & Velter, 2017). A violência psicológica consiste em manipular o emocional de uma vítima, danificando o bem estar psíquico (Cartilha de Violência Contra a Mulher, 2023).

A violência sexual, têm alta subnotificação dos casos, sendo predominantemente uma forma de violência intrafamiliar ou praticada por pessoas do convívio da vítima ou até mesmo por desconhecidos. Essa natureza torna desafiador para as vítimas reconhecerem as violências. Quando conseguem identificar, enfrentam obstáculos e muita dificuldade em denunciar ou buscar auxílio. Há o sentimento de vergonha, que geralmente vem acompanhado de outras condições psicopatológicas (Souza & Rezende, 2018; FBSP, 2023). Além disso, o uso da violência moral e psicológica fruto de uma violência sexual, põe a prova o caráter da vítima e desculpabilizar o agressor, tornando a percepção de credibilidade das informações sem validade.

Estudos mostram que a percepção da credibilidade da vítima é afetada por características pessoais, ou seja, as pessoas diferem em relação à percepção de confiança e credibilidade em vítimas de violência sexual, sendo que características pessoais da vítima podem influenciar essa percepção, independentemente de gênero ou coorte geracional. (Klettke et al., 2016). Muitas mulheres já foram vítimas de injustiça por parte do sistema judicial, tendo suas características, histórico sexual ou expressões emocionais questionadas e utilizadas como justificativa para decisões que impedem a punição do agressor (Campbell et al., 2015; Van Doorn & Koster, 2019; Graham, 2021). Isso pode acentuar as reações negativas às vítimas e ser considerado uma forma de vitimização secundária, o que significa que as pessoas podem revitimizar a vítima de uma situação infeliz, como a violência sexual (Brickman, 1982; Naseralla & Warner, 2020). Desse modo, a percepção de credibilidade das vítimas é fundamental para a Justiça, mas pode ter consequências negativas derivadas do julgamento dos observadores, levando as mulheres a desistirem de denunciar seus agressores e a aumentar casos subnotificados.

No Brasil, o caso de Mariana Ferrer chamou a atenção da mídia e das pessoas em geral. Ela denunciou nas redes sociais a violência que sofreu de seu estupro. Infelizmente, Mari não apenas sofreu reações negativas e vitimização secundária nas redes sociais, mas também do sistema de justiça durante uma audiência do caso (Souto, 2021). Os ataques que a vítima sofreu refletiam a minimização de seu sofrimento como vítima. Além disso, fotos de suas redes sociais foram usadas para questionar seu caráter. No entanto, seu sofrimento levou à criação da lei 14.245/21 (Lei Mariana Ferrer), que prevê punições para atos que violem a dignidade da vítima de estupro.

Papéis de gênero

A desigualdade de gênero é fruto de séculos de opressão feminina e desvalorização da mulher, sendo perpetuada até os dias atuais (Wodon & De La Brière, 2018). Desde a infância, somos socializados e orientados a desempenhar características que nos classificam como homem ou mulher. Nessa perspectiva, Glick e Fiske (1996, 2011) propuseram a Teoria do Sexismo Ambivalente, que compreende o fenômeno a partir de duas dimensões: hostil e benevolente. Os autores definiram os estereótipos de gênero como comportamentos tidos como masculinos (e.g., competitivos e líderes) e comportamentos femininos (e.g., calorosos e amorosos).

O produto deste tipo de socialização e organização societal, a desigualdade de gênero, ainda é um componente estruturante da nossa sociedade, impactando a construção das relações cotidianas (Lima et al., 2017). Assim, as mudanças sociais e culturais que afetam diretamente a estrutura e as relações interpessoais resultaram em um aumento de novas formas de expressão do preconceito e violência, caracterizadas por serem sutis, veladas e reconhecidamente privadas, sendo, conseqüentemente, mais difíceis de serem percebidas (McDonald & Crandall, 2015)

É importante salientar que, esses comportamentos são influenciados e até mesmo definidos pelas normas sociais salientes no contexto no qual ocorrem. A violência entre parceiros íntimos, por exemplo, que se refere à experiência de sofrer abuso físico, sexual ou psicológico por um parceiro romântico atual, ou antigo, é reconhecida como uma grande questão de saúde pública (Trabold et al., 2020). O abuso psicológico pode ser particularmente difícil de ser identificado pelas vítimas devido a sua natureza sutil e insidiosa (Spadine et al., 2020), e alguns atos de abuso psicológico podem até parecer afetuosos quando observados ou experimentados isoladamente (Minto et al., 2021).

Além destas características (e.g., dificuldade de identificação, e o aparente afeto que envolve tais comportamentos), o perpetrador pode negar ou minimizar os danos de qualquer ato ilícito, atacando a credibilidade da vítima e invertendo os papéis da vítima e do infrator (Harsey et al., 2017). Pesquisas descreveram táticas que os perpetradores poderiam usar para minimizar reações a seus atos ilícitos. Esses comportamentos representam um conjunto de técnicas empregadas pelos agressores que mitigam as avaliações negativas dos observadores (McDonald et al., 2010).

O agressor, a fim de evitar enfrentar as consequências, tenta, portanto, apaziguar a potencial reação quando considerado responsável por suas ações. McDonald e colaboradores (2010) observaram que tais técnicas incluem lançar dúvidas sobre a credibilidade da vítima e negar as versões dos eventos das vítimas ou reenquadrá-las para parecerem mais inócuas. Além disso, os perpetradores se engajam em estratégias com o intuito de desviar a culpa: ou admitir a má conduta, mas enfatizar o bom comportamento anterior (fazer-se de herói), ou destacar algum sofrimento passado (fazer-se de vítima) (Gray & Wegner, 2011).

Para aqueles que cometeram atos abusivos, a capacidade de influenciar como os outros os percebem e suas vítimas é indispensável. Convencer de que nenhum comportamento abusivo ocorreu (ou que se algo ocorreu não foi prejudicial) e que a vítima não é confiável dá ao perpetrador uma clara vantagem. Se bem-sucedido, o agressor pode evitar a culpa e assim evitar as consequências. O relato da vítima é posto em dúvida, em última instância, desconsiderado em favor da narrativa de quem agride (Hall et al., 2023).

Estudos apontam que diversos fatores influenciam as atribuições de culpa, credibilidade e responsabilidade dos observadores. Características como o sexo da vítima e do perpetrador (Van Der Bruggen & Grubb, 2014), idade (Bottoms et al., 2014) e raça (George & Martinez, 2002) impactam as percepções dos observadores sobre as vítimas e os infratores. Bem como, quando a vítima consumia uma bebida alterada (Angelone et al., 2016), a falta de resistência durante um ataque (Angelone et al., 2015) e a expressão não-verbal e emocional mais intensas ou não (Ask, 2010), afeta as percepções dos observadores, podendo reduzir ou aumentar a credibilidade das vítimas.

Portanto, diante desse cenário, não surpreende encontrar estudos que apontam uma forte relação entre papéis de gênero e transtornos mentais (Zanello et al., 2015), estresse (Eisenbarth, 2019), incluindo estratégias de *coping* para lidar com o estresse (Anbumalar et al., 2017). E, embora, dispositivos legais tenham sido criados na tentativa de combater essa desigualdade, (e.g., criação e efetivação de políticas públicas que buscam a igualdade jurídica entre os gêneros) essas disparidades ainda se mantêm arraigadas (Hazel & Kleyman, 2020).

Ainda, estima-se menor acesso de meninas à educação e aquelas que conseguem alcançar algum nível de escolaridade e se inserir no mercado de trabalho sofrem com uma significativa não equidade salarial. Mulheres e homens que fazem a mesma tarefa pelo mesmo tempo apresentam valores salariais diferentes (Wodon & De La Brière, 2018; Treas & Tai, 2016) essas disparidades ainda se mantêm arraigadas (Hazel & Kleyman, 2020).

Objetivos

Com base nessas considerações, nossa pesquisa tem o objetivo de investigar se o sexo (masculino vs. feminino) e os papéis de gênero podem prever a percepção de credibilidade de uma vítima de violência sexual. Há muitas pesquisas que mostram efeitos do sexo na culpabilização (Pinciotti & Orcutt 2021), mas poucas pesquisas mostram esse efeito a partir de uma amostra realista de agressores e vítimas de violência. Além disso, nosso estudo visa verificar se essa relação é afetada, quando as pessoas apresentam alto ou baixa crenças sobre o papel de gênero, o que foi pouco explorado pela literatura, especialmente em uma amostra de autores e vítimas de violência. Com base nisso, nosso estudo testará as seguintes hipóteses.

H1: o sexo (masculino e feminino), os papéis de gênero serão preditores da percepção de credibilidade.

H2: os homens, agressores de mulheres, em comparação com as mulheres, vítimas de violência, perceberão a vítima como menos confiável.

H3: quanto menor a adesão aos papéis de gênero, ou atitudes mais igualitárias, menor a confiança em uma vítima de violência sexual.

Método

Participantes

Participaram 199 indivíduos, sendo do sexo masculino (51,3%) e do sexo feminino (48,7%), respectivamente, que declararam já ter sido autor ou vítima de violência de alguma das cinco formas de violência (e.g., física, psicológica, sexual, patrimonial, moral). A idade dos participantes variou entre 18 e 57 ($M = 26,5$ $EP = 0,63$), (45,2%) consideraram de cor parda, (40,7%) de classe média-baixa, (47,7%) possui

ensino superior incompleto, (51,0%) disse estar solteiro no momento da coleta de dados. Uma análise estatística de poder foi realizada, a priori, para detectar o tamanho amostral necessário para as análises propostas, utilizando o *GPower*, com a definição do alfa = 0,05, poder = 0,80 e tamanho de efeito médio (0,15) a amostra mínima pré-definida foi de $N=70$. Para o presente estudo, com tamanho amostral de $N=199$, o tamanho mostrou-se adequado.

Matérias e procedimentos

Os dados foram coletados por meio da plataforma *Qualtrics*, com a divulgação do link da pesquisa em redes sociais (Instagram, WhatsApp, Facebook). Aos participantes era apresentado uma pesquisa sobre questões referentes a vida em sociedade, mas antes para o critério de seleção da pesquisa, os respondentes tinham acesso a uma questão referente ao critério de inclusão/exclusão (você considerava já ter vivenciado enquanto autor (se do sexo masculino), ou enquanto vítima (se do sexo feminino), algum dos cinco tipos de violência (física, psicológica, patrimonial, moral, sexual) numa relação entre parceiros íntimos? Aqueles que respondiam, sim, como resposta, davam prosseguimento à pesquisa. Após a leitura, os respondentes tinham acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como a ciência sobre o propósito da pesquisa e a concordância de caráter voluntário. A presente pesquisa teve o parecer favorável do comitê de ética com o seguinte número do CAAE: (informação suprimida).

Em seguida, todos os respondentes liam uma vinheta sobre uma moça chamada Tereza:

O questionário a seguir, pergunta a sua opinião sobre uma mulher chamada Tereza, de 21 anos de idade. Ela alega ter sido estuprada pelo seu namorado na madrugada do sábado para o domingo. O fato teria ocorrido num hotel que fica numa praia turística onde ela e o seu namorado foram juntos passar o fim de semana prolongado. Imediatamente ao ocorrido, isto é, na madrugada do sábado para o domingo, Tereza foi à polícia notificar ter sido vítima de estupro. No boletim de ocorrência, além de outros detalhes sobre o contexto em que teria ocorrido os fatos, ela disse ter sido forçada pelo namorado a ter relações sexuais, demonstrando ainda estar emocionalmente muito abalada. O namorado de Tereza nega firmemente o acontecido alegando que não tinha motivos para forçar

relações sexuais com a sua namorada, pois, além de a amar muito, eles estavam na melhor fase do namoro e saboreando um dos momentos mais românticos da vida deles como um casal. Ele acha tudo isso muito estranho, mostrando-se muito preocupado em relação aos verdadeiros motivos que teriam levado sua namorada a agir dessa forma.

Ao final do estudo, os indivíduos tinham acesso ao *debriefing* e eram agradecidos pela participação.

Instrumentos

EscaLa de atitudes frente à mulher. Desenvolvida por Spence e Hahn (1997), validada para o Brasil por Lima et al. (2021). Um exemplo de item da escala é “Uma mulher deve ter a mesma liberdade que o homem para pedir alguém em casamento.” A escala de resposta variou de (1 = discordo totalmente, a 5 = concordo totalmente). Para esta medida, os itens que apresentavam semântica negativa ao contexto igualitário entre homens e mulheres foram invertidos, como, por exemplo: “As mulheres deveriam se preocupar menos com seus direitos e mais em se tornarem boas esposas e mães.” Nesse sentido, pontuações altas nesta escala indicam atitudes, crenças, pontos de vista pró-feminista e mais igualitárias, enquanto pontuações baixas indicam atitudes tradicionais e conservadoras. A consistência interna da escala para o estudo atual foi (Cronbach’s $\alpha = 0,86$ McDonald’s $w = 0,87$).

Percepção de credibilidade. Nós mensuramos a percepção de credibilidade da vítima por meio de três itens desenvolvida pelo estudo atual (e.g: na sua opinião, Tereza está falando a verdade? Tereza foi sincera em todo relato que fez? Os fatos que Tereza falou são críveis? Os indivíduos respondiam em uma escala que variou de (1 = Não, a 4 = Sim) a partir do cenário lido pelos respondes. Realizamos a análise fatorial da escala, para isso calculamos a Esfericidade de Bartlett ($\chi^2 = 365$; $gl = 3$; $p < 0,001$) e Kaiser-Meyer-Olkin [KMO = .719]. Os resultados da análise paralela indicaram uma estrutura unidimensional com (73,7%) de variância explicada. A consistência interna da medida foi de (Cronbach’s, $\alpha = 0,88$; McDonald’s, $w = 0,89$).

Análise de dados

Realizamos estatística como: teste t, correlações bivariadas para verificar o grau de relação das variáveis do estudo. Além disso, realizamos uma regressão linear, para verificar o ajuste do modelo. Para análise da regressão múltipla foram calculados os pressupostos de normalidade dos resíduos e tolerância das variáveis do modelo (Wolfe & Abramson, 2014). Além disso, examinamos a hipótese de interação por meio do método de Bootstrapping com 1000 simulações para modelos de moderação simples (Hays, 2013), ademais o nível alfa foi definido em 0,05.

Resultados

Análise preliminar

Inicialmente, decodificamos a variável categórica sexo, atribuindo os valores de 0,50 para o grupo masculino e -0,50 para o grupo feminino, para que pudesse realizar as estatísticas paramétricas. Com isso, realizamos a estatística descritiva comparando as médias em relação à percepção de credibilidade e os papéis de gênero. Os resultados apresentados na Tabela 1 mostram que as mulheres vítimas de violência apresentaram maior média em relação aos papéis de gênero, em comparação com os agressores, indicando que elas apresentaram altos níveis de atitudes mais favoráveis em relação às crenças pró-feministas e mais igualitárias. Já a percepção de credibilidade, as mulheres apresentaram uma média maior, em comparação com os homens, indicando que elas perceberam a vítima com maior credibilidade.

Tabela 1

Estatística Descritiva das principais medidas.

Variável	Grupo	<i>M</i> (<i>DP</i>)	<i>t</i> (<i>df</i>)	<i>p</i>
Credibilidade	Masculino	3,04 (0,63)	4,06 (197)	0,000

	Feminino	3,42 (0,68)		
Papéis de gênero	Masculino	4.25 (0,62)	2,92 (176)	0,004
	Feminino	4.48 (0,41)		

Realizamos as correlações entre credibilidade da vítima e as outras variáveis do estudo. A credibilidade foi negativamente correlacionado com sexo ($r = - 0,278, p < 0,001$) e positivamente correlacionada com os papéis de gênero ($r = 0,393, p < 0,001$). A relação entre papéis de gênero e o sexo foi negativa ($r = - 0,215, p = 0,004$).

Tabela 2

Correlações das variáveis do estudo.

Variáveis	1	2	3
1- Sexo	-		
2- Papéis de Gênero	-,215**	-	
p-valor	0,004		
3- Credibilidade da vítima	-0,278***	0,393***	-
p-valor	<0,001	<0,001	

Nota. * $p < 0,5$, ** $p < 0,1$, *** $p < 0,001$.

Análise de moderação

A fim de verificar se os papéis de gênero moderam a relação entre sexo e percepção de credibilidade, realizamos uma regressão múltipla. Inicialmente, inserimos no primeiro bloco a variável sexo. Na sequência, segundo bloco, adicionamos o papel de gênero. E no terceiro bloco adicionamos a interação entre o sexo e os papéis de gênero. Os resultados são mostrados na Tabela 2.

Tabela 2

Regressão da percepção de credibilidade no sexo (masculino vs. feminino), papéis de gênero e na interação entre o sexo e os papéis de gênero.

	Modelo 1			Modelo 2			Modelo 3		
	<i>b</i>	SE	β	<i>b</i>	SE	β	<i>b</i>	SE	β
Bloco 1									
Sexo	-	,096	,289**	-,288	,093	-,215**	-,234	,817	,233*
	,		*						
	3								
	8								
	8								
Bloco 2									
Papel de Gênero				,425	,084	,347***	,328	,091	,274***
Bloco 3									
Sexo*PG							,465	,183	,190*
Constante	3	,048		1,400	,373		1,849	,408	
	,								

	2		
	5		
	6		
R ²	,198		,226
	0		
	8		
	3		
Rajustado	0,189		,213
	0		
	7		
	8		
F	21,6*		17,0*
	6	**	**
	,		
	1		
	*		
	*		
	*		
df	1	2	3

Nota. b = Coeficientes não padronizados; β = Coeficientes padronizados; PG= papéis de gênero;

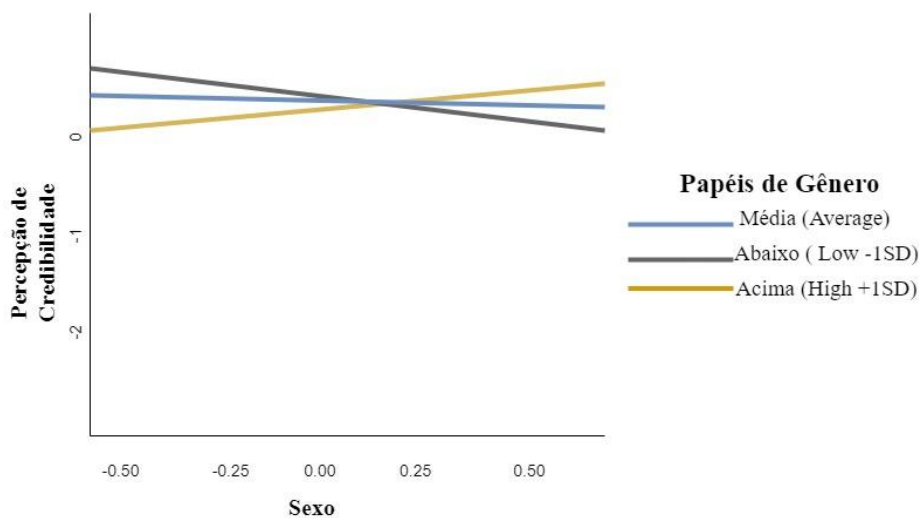
* $p < 0,05$, ** $p < 0,01$, *** $p < 0,001$; para sexo - Masculino (0,50); Feminino (-0,50).

A análise mostrou que a percepção da credibilidade da vítima foi estatisticamente predita pelo sexo, indicando que houve uma diferença de média entre os participantes do sexo masculino e feminino. Especificamente, os homens perceberam a vítima com menores níveis de credibilidade. A percepção de credibilidade também foi estatisticamente predita pelos papéis de gênero, isso sugere que quanto maior a adesão

aos papéis de gênero igualitários e pró-feministas, maior a percepção de confiança na vítima. Finalmente, no bloco 3, a variável sexo manteve-se significativa. Além disso, houve um efeito estatisticamente significativo de interação entre o sexo e o papel de gênero. A decomposição dessa interação, mostra que para os participantes com baixo adesão aos papéis de gênero ($-1 DP$; abaixo da média), o sexo mostrou efeito estatisticamente significativo na percepção de credibilidade da vítima ($b=0,567$, $p<0,001$). Enquanto para os participantes com alta adesão aos papéis de gênero ($+1DP$; acima da média) não houve um efeito estatisticamente significativo do sexo na percepção de credibilidade ($b=-0,058$, $p=0,649$). No geral, a interação mostra que a relação entre o sexo e a percepção de credibilidade de uma vítima é mais forte para os participantes com maior adesão a crenças tradicionais e conservadores do que para os participantes com maior adesão a crenças igualitárias e pró-feministas. Em outras palavras os papéis de gênero moderam a relação entre o sexo dos participantes e perceber uma vítima de violência sexual como menos confiável ao relatar a violência sofrida pelo parceiro íntimo. Conforme Figura 1.

Figura 1

Efeitos da Interação entre o sexo (masculino vs feminino) e papéis de gênero na percepção de credibilidade de uma vítima de violência sexual.



Discussão e Considerações finais

A percepção da credibilidade das vítimas de violência sexual é um fator importante que pode levar a vitimização secundária, prolongando o sofrimento das vítimas (Correia, 2000). O estudo atual examinou como o sexo (masculino e feminino) e as atitudes ou crenças mais igualitárias ou tradicionais frente as mulheres predizem a percepção da credibilidade das vítimas de violência sexual entre autores e vítimas de violência sexual. Os resultados revelaram que os participantes do sexo masculino consideravam as mulheres vítimas de violência sexual menos confiáveis em comparação com as participantes do sexo feminino, vítimas de violência, isso porque decodificamos as variáveis tornando as análises possíveis de serem realizadas. Especificamente, as correlações entre o sexo e a percepção de credibilidade de uma vítima mostraram que ser do sexo masculino está negativamente correlacionado com a menor percepção de credibilidade da vítima, bem como a relação entre os papéis de gênero e a variável sexo mostrou que atitudes menos favoráveis em relação ao igualitarismo se correlacionou negativamente com o sexo masculino. Além disso, foi encontrado que os papéis de gênero interagem com o sexo (masculino vs. feminino) para prever a percepção da credibilidade das vítimas de violência sexual.

Os resultados do estudo confirmaram nossas hipóteses sobre o impacto do sexo na percepção da credibilidade, corroborando com achados na literatura sobre o efeito do sexo na aceitação da violência contra mulheres em diferentes contextos, incluindo relacionamentos íntimos (Tavares et al., 2021; Paiva & Pereira, 2021) e a legitimação do abuso de esposas (Correia et al., 2015) ou na culpabilização de uma vítima de violência (Pinciotti & Orcutt 2021). Além disso, o estudo revelou que o sexo é um fator significativo na percepção de credibilidade, o que está em consonância com estudos anteriores que indicam que os homens consideram as vítimas menos confiáveis em comparação com as mulheres (Klettke et al., 2016). Especificamente, os resultados deste estudo mostram que baixos níveis de adesão a crenças igualitárias e pró-feministas prever a não confiança em uma vítima de situação de estupro.

Uma possível explicação para esse fenômeno é que as percepções e julgamentos são influenciados por estereótipos sobre uma categoria social, o que pode refletir a

motivação das pessoas para manter o *status quo* (Van Doorn & Koster, 2019) ao passo que inferioriza outra categoria. Além disso, a desigualdade de gênero nos relacionamentos amorosos passa a ser uma justificativa para legitimar os sistemas sociais (Jost & Banaji, 1994), podendo culpar a vítima como forma de corrigir a dissonância cognitiva causada pelo desconforto de enxergar que a vítima não possui culpa por ser vítima, e sim quem pratica o infortúnio (Jost & Toorn, 2012). Ainda, de acordo com Mateus e Pereira (2023), as mulheres são frequentemente estereotipadas por fazerem parte de grupos minoritários e vistas como pertencentes a um *status* inferior. Porque ser mulher em uma sociedade patriarcal restringe os direitos sociais, políticos e até mesmo de controle de seu próprio corpo (Paiva & Pereira, 2021). Essa restrição perpassa a esfera pública para a esfera privada (Paiva & Pereira, 2021), atingindo seu grau máximo quando a mulher além de ser vítima é culpabilizada por sofrer qualquer tipo de violência (Klettke et al., 2016), relacionando com o fenômeno da vitimização secundária (Brickman, 1982; Naseralla & Warner, 2020).

Limitações

O presente estudo foi do tipo descritivo correlacional, não podendo, portanto, inferir explicações de causalidade. Apesar disso, o nível preditivo das variáveis indicadoras do modelo proposto, indicam evidências de que as variáveis da pesquisa são relevantes para a compreensão da percepção de credibilidade de vítimas de violência sexual, no que se refere a categoria analítica específica, isto é, de homens agressores e mulheres vítimas de violência. Além disso, ressaltamos a importância de pesquisas futuras serem desenvolvidas, a fim de compreender melhor outras categorias envolvendo o gênero, papéis de gênero e a não confiança em vítimas de estupro. Ademais, embora nossa pesquisa tenha sido correlacional, consideramos o contexto social envolvendo as categorias que vivenciaram alguma forma de violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral, enquanto autor ou enquanto vítima de violência. Apesar de serem achados preliminares, este estudo é inovador e com relevância social e acadêmica visível, pois mostram como uma cultura que prevalecem atitudes e crenças negativas sobre as mulheres impactam na credibilidade de informação de uma vítima. Isto é, mostra como uma vítima pode ser subjugada várias vezes apenas por pertencer à categoria de ser

mulher. Nesse sentido, pode ser relevante trabalhar as atitudes dos diversos profissionais, oferecendo qualificação adequada, em vários contextos como: delegacias, tribunais de justiça, nos centros de referência da mulher, nas unidades básicas de saúde, em hospitais públicos que lidam com vítimas de violência a fim de evitar vitimização secundária das vítimas.

Referências

- Agência Senado (2022). Sancionada Lei Mariana Ferrer, que protege vítimas de crimes sexuais em julgamentos. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br>
- Anbumalar, C., Dorathy, A., Jaswanti, V., Priya, D., & Reniangelin, D. (2017). Gender Differences in Perceived Stress levels and Coping Strategies among College Students. *International Journal of Indian Psychology*, 4 (4) 10.25215/0404.103.
- Angelone, D. J., Mitchell, D., & Grossi, L. (2015). Men's perceptions of an acquaintance rape: The role of relationship length, victim resistance, and gender role attitudes. *Journal of Interpersonal Violence*, 30(13), 2278–2303. 10.1177/0886260514552448
- Angelone, D. J., Mitchell, D., & Smith, D. (2016). The influence of gender ideology, victim resistance, and spiking a drink on acquaintance rape attributions. *Journal of Interpersonal Violence*, 33(20), 3186–3210. 10.1177/0886260516635318
- Ask, K. (2010). A survey of police officers' and prosecutors' beliefs about crime victims and behavior. *Journal of Interpersonal Violence*, 25(6), 1132–1149. 10.1177/0886260509340535
- Azambuja, L., & Velter, S. (2017). Violência psicológica e moral contra a mulher à luz da Lei Maria
- da Penha. [Trabalho de Conclusão de Curso, Centro Universitário Várzea Grande] Biblioteca Digital da UNIVAG. <https://www.repositoriodigital.univag.com.br/index.php/rep/article/view/1095/1051>
- Brickman, P., & et al. (1982). Models of helping and coping. *American Psychologist*, 37(4), 368–384. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.37.4.368>
- Bottoms, B. L., Peter-Hagene, L. C., Stevenson, M. C., Wiley, T. R. A., Mitchell, T. S., & Goodman, G. S. (2014). Explaining gender differences in Jurors' reactions to child sexual assault cases. *Behavioral Sciences and the Law*, 32(6), 789–812. 10.1002/bsl.2147

- Campbell, B. A., Menaker, T. A., & King, W. R. (2015). The determination of victim credibility by adult and juvenile sexual assault investigators. *Journal of Criminal Justice*, 43(1), 29–39. <https://doi.org/10.1016/J.JCRIMJUS.2014.12.001>
- Cartilha de Violência Contra a Mulher. (2023). Violência Contra a Mulher. Disponível em: https://www.aen.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2023-03/cartilha-_violencia_contra_mulher_1.pdf
- Correia, I., Alves, H., Morais, R., & Ramos, M. (2015). The legitimation of wife abuse among women: The impact of belief in a just world and gender identification. *Personality and Individual Differences*, 76, 7–12. <https://doi.org/f6zzqk>
- Correia, I. F. (2003). Concertos e desconcertos na procura de um mundo concertado: crença no mundo justo, inocência da vítima e vitimização secundária. Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a ciência e tecnologia.
- Eisenbarth, C. (2019). Coping with stress: Gender differences among college students. *College Student Journal*, 53(2), 151-162.
- Ford, J. D., Grasso, D. J., Elhai, J. D., & Courtois, C. A. (2015). Forensic issues in the traumatic stress field. *Posttraumatic Stress Disorder*, 459–502. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-801288-8.00010-8>
- Formiga, N. S., Gouveia, V. V. & Santos, M. N. (2002). Inventário de sexismoambivalente: sua adaptação e relação com o gênero. *Revista Psicologia emEstudo*, 7(1),105- 111.
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2023). Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023. Recuperado de: <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2022). Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022. Recuperado de: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=15>
- George, W., & Martinez, L. (2002). Victim blaming in rape: Effects of victim and perpetrator race, type of rape, and participant racism. *Psychology of Women Quarterly*, 26 (2), 110–119. 10.1111/1471-6402.00049
- Glick, P., & Fiske, S. T. (2011). Ambivalent Sexism revisited. *Psychology of Women Quarterly*, 35(3), 530-535. 10.1177/0361684311414832
- Gray, K., & Wegner, D. M. (2011). To escape blame, don't be a hero – Be a victim. *Journal of Experimental Social Psychology*, 47(2),516–519./10.1016/j.jesp.2010.12.012

- Graham, Dee L. R. (2021). Amar para sobreviver: mulheres e a síndrome de Estocolmo social. In: Graham, Dee L. R. Edna I. Rawlings, Roberta K. Rigsby (Org). 1ed. São Paulo: Ed. Cassandra.
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The ambivalent sexism inventory: differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 491–512. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.491>
- Hall, M., Debowska, A., & Hales, G. (2023). The Effect of Victim Attractiveness and Type of Abuse Suffered on Attributions of Victim Blame and Credibility in Intimate Partner Violence: A Vignette-Based Online Experiment. *Violence Against Women*. 10.1177/10778012221150272
- Hazel, K., & Kleyman, K. (2020). Gender and sex inequalities: Implications and resistance. *Journal of Prevention & Intervention in the Community*, 48(4), 281–292. 10.1080/10852352.2019.1627079
- Harsey, S., Zurbriggen, E., & Freyd, J. (2017). Perpetrator Responses to Victim Confrontation: DARVO and Victim Self-Blame. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 26 (6), 644–63. 10.1080/10926771.2017.1320777.
- Hayes, A. F. (2013). *Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: A regression-based approach*. Guilford Press.
- Jewkes, R., & Dartnall, L. (2008). Sexual Violence. *International Encyclopedia of Public Health*, 723–731. <https://doi.org/10.1016/B978-012373960-5.00067-8>
- Jost, J. T., & Banaji, M. R. (1994). The role of stereotyping in system-justification and the production of false consciousness. *British Journal of Social Psychology*, 33, 1-27. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8309.1994.tb01008.x>
- Jost, J. T., & van der Toorn, J. (2012). System justification theory. In P. A. M. Van Lange, A. W. Kruglanski, & E. T. Higgins (Eds.), *Handbook of theories of social psychology* (pp. 313–343). Sage Publications Ltd. <https://doi.org/10.4135/9781446249222.n42>
- Klettke, B., Hallford, D., & Mellor, D. (2016). Perceptions of credibility of sexual abuse victims across generations. *International Journal of Law and Psychiatry*, 44, 91–97. <https://doi.org/10.1016/J.IJLP.2015.08.035>
- Lima, F., Voig, A., Feijó, M., Camargo, M., & Cardoso, H. F. (2017). A influência da construção de papéis sociais de gênero na escolha profissional. *Revista Brasileira de Psicologia e Educação*, 19(1), 33-50. 10.30715/rbpe
- Lima, Débora, C. (2021). Música e Misoginia: os impactos de curto prazo nas atitudes frente à mulher e na agressão. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba] Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFPB. https://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt_BR&id=2626

- McDonald, P., Graham, T., & Martin, B. (2010). Outrage management in cases of sexual harassment as revealed in judicial decisions. *Psychology of Women Quarterly*, 34(2), 165–180. 10.1111/j.1471-6402.2010.01559.x
- McDonald, R., & Crandall, C (2015). Social norms and social influence. *Current Opinion in Behavioral Sciences*, 3, 147-151. 10.1016/j.cobeha.2015.04.006
- Minto, K., Masser, B., & Louis, W. (2021). Lay understandings of the structure of intimate partner violence in relationships: An analysis of behavioral clustering patterns. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(13–14), NP10810–NP10831. 10.1177/0886260520986276
- Mateus, K. S., & Pereira, C. R. (2023). English System Justification in the Social Explanation of the Violence against Minoritized Groups. *Revista Interamericana De Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, 57(3), e1743. <https://doi.org/10.30849/ripij.v57i3.1743>
- Naseralla, E. J., & Warner, R. H. (2020). The role of reporting in the evaluation of rape victims. *European Journal of Social Psychology*, 50(5), 1032–1045. <https://doi.org/ggrxwx>
- Paiva, T. T., & Pereira, C.R. (2021). The Role of Justice in the Relationship of Sexism and Violence Against Women. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, 55(3), e1591.
- Pinciotti, C. M., & Orcutt, H. K. (2021). Understanding Gender Differences in Rape Victim Blaming: The Power of Social Influence and Just World Beliefs. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(1–2), 255–275. <https://doi.org/10.1177/0886260517725736>
- Rollero, C., Bergagna, E., & Tartaglia, S. (2019). What is Violence? The Role of Sexism and Social Dominance Orientation in Recognizing Violence Against Women. <https://doi.org/10.1177/0886260519888525>, 36(21–22), NP11349–NP11366. <https://doi.org/10.1177/0886260519888525>
- Silva, P. H. M.; Silva, A. C. Q. da. (2015). A credibilidade do depoimento da vítima como medida eficaz no combate à violência contra as mulheres. *Direito Público*. Porto Alegre, IOB; IDP, 11, 63,105-118.
- Souto, L. (2021). Mari Ferrer relembra três anos de estupro: “Fecho os olhos e revivo a dor”. disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/12/16/mari-ferrer-relembra-tres-anos-de-estupro-fecho-os-olhos-e-revivo-a-dor.htm>
- Souza, T., & Rezende, F. (2018). Violência contra mulher: concepções e práticas de profissionais de serviços públicos. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia, Londrina*, 9, 2, p. 21-38. DOI: 10.5433/2236-6407.2016v9n1p21

- Spadine, M., Patterson, M. S., Brown, S., Nelon, J., Lanning, B., & Johnson, D. M. (2020). Predicting emotional abuse among a sample of college students. *Journal of American College Health*, 70(1), 256–264. 10.1080/07448481.2020.1740709
- Tavares, S. M., Pimentel, C. E., Paiva, T. T., & Pereira, C. R. (2022). Development and Validation of the Secondary Victimization Scale. *Psychological Reports*, 0(0). <https://doi.org/10.1177/00332941221092652>
- Tavares, S. M., Pimentel, C. E., & Pereira, C. R. (2021). O papel da crença no mundo justo, da vitimização secundária e do sexismo societal no apoio à violência contra a mulher nas relações de namoro. [Dissertação]. <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/22370>
- Trabold, N., McMahon, J., Alsobrooks, S., Whitney, S., & Mittal, M. (2020). A systematic review of intimate partner violence interventions: State of the field and implications for practitioners. *Trauma, Violence, & Abuse*, 21(2), 311–325. 10.1177/1524838018767934
- Treas, J., Tai, T. (2016). Gender Inequality in Housework Across 20 European Nations: Lessons from Gender Stratification Theories. *Sex Roles* 74, 495–511. 10.1007/s11199-015-0575-9
- Van Doorn, J., & Koster, N. N. (2019). Emotional victims and the impact on credibility: A systematic review. *Aggression and violent behavior*, 47, 74-89. 10.1016/j.avb.2019.03.007
- Van der Bruggen, M., & Grubb, A. (2014). A review of the literature relating to rape victim blaming: An analysis of the impact of observer and victim characteristics on attribution of blame in rape cases. *Aggression and Violent Behavior*, 19(5), 523–531. /10.1016/j.avb.2014.07.008
- WHO (2012). Understanding and addressing violence against women. disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/77434/WHO_RHR_12.37_eng.pdf;jsessionid=9B3CD73A4EE8E50BE0D8EA7863732F8C?sequence=1
- Wolfe, R., & Abramson, M. J. (2014). Modern statistical methods in respiratory medicine. *Respirology*, 19(1), 9–13. <https://doi.org/10.1111/RESP.12223>
- Wodon, Q., & De la Brière, B. (2018). The cost of gender inequality: unrealized potential: the high cost of gender inequality in earnings. Washington, DC: World Bank. .10.1596/29865
- Zanello, V., Fiuza, G., & Costa, H. (2015). Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico. *Fractal : Revista de Psicologia*, 27 (3). 238–46. 10.1590/1984-0292/1483.